

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral e Cursos Tecnológicos — Agrupamento 2 — 4 horas semanais

Duração da prova: 120 minutos
2000

1.ª FASE
1.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE HISTÓRIA DA ARTE

GRUPO I

(Respostas obrigatórias)

1. 25 pontos
2. 35 pontos

GRUPO II

(Respostas obrigatórias)

1. 60 pontos
2. 40 pontos

GRUPO III

(Respostas em alternativa)

1. ou 2. 40 pontos

Total 200 pontos

V.S.F.F.

224/C/1

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

A classificação da prova deve ter como base os seguintes aspectos:

- rigor científico;
- objectividade, clareza e coerência da resposta;
- capacidade de leitura da obra de arte, considerando o seu enquadramento histórico e artístico.

NOTA:

Em relação a cada resposta, enunciam-se os conteúdos essenciais a ter em conta para uma cotação total.

Estes conteúdos podem ser articulados pelo examinando de diversos modos, desde que se enquadrem nos objectivos visados.

O professor corrector deverá considerar se, ainda que através de referências não contidas nos tópicos propostos, o examinando revela conhecimento das matérias sobre que incidem as perguntas e, conseqüentemente, avaliar a sua adequação e a profundidade das respostas.

TÓPICOS

GRUPO I

(Respostas obrigatórias)

1. Retrato, registo de paisagem rural e urbana, registo de acontecimentos políticos, sociais e do quotidiano (noção de reportagem); ilustrações, reproduções de obras de arte...
2. Exige dos pintores uma reflexão sobre a natureza da pintura e o seu novo papel no contexto das artes, já que o registo do real pode ser feito mecânica, rápida e eficazmente pela máquina fotográfica; leva a um aprofundamento da experimentação pictórica na representação do movimento, nomeadamente, na captação do instante; permite confirmar a mutabilidade da realidade objectiva; contribui para a alteração das formas de enquadramento e de concepção clássicas da composição; serve de instrumento de trabalho ao pintor (substitui, por vezes, a necessidade de esboços e de apontamentos prévios à execução do quadro).

GRUPO II

(Respostas obrigatórias)

1. Os materiais fabricados industrialmente – ferro (associado ao vidro) e, mais tarde, o aço e o betão –, assim como as novas tecnologias permitiram o recurso à prefabricação e estandardização de peças. A maior resistência/leveza desses materiais tornou possível a construção de edifícios de estrutura mais resistente, grandes vãos (pontes e viadutos), espaços interiores mais amplos e iluminados por luz natural, que se puderam adaptar a diversas funções, como: fábricas, estações de caminhos-de-ferro, pavilhões de exposição, mercados, etc.

2. Inicialmente não foi reconhecida, aos novos materiais, a nobreza necessária para serem usados na Arquitectura. Usados, tendencialmente, por engenheiros, mais bem preparados científica e tecnicamente para os aplicar, assim como menos dominados pelo peso das concepções tradicionais e académicas da Arte, a maioria dessas edificações era considerada mera construção e nunca Arquitectura. No entanto, observa-se, por parte de alguns arquitectos, o recurso a estruturas de ferro para resolver problemas técnicos ou, ainda, na realização de profusas decorações revivalistas, sendo, num e noutro caso, sempre devidamente cobertas ou disfarçadas. Nos finais do século XIX, detecta-se uma mudança de gosto, favorecida pelas experiências realizadas nas grandes Exposições Universais, tendo sido a Torre Eiffel, em 1889, um marco indiciador desta nova atitude de aceitação e de reconhecimento das capacidades estéticas do ferro.

GRUPO III

(Respostas em alternativa, 1. ou 2.)

(Se o examinando responder às duas questões, apenas será considerada a sua primeira resposta.)

1. O século XIX foi marcado pela recusa da máquina, entendida como principal responsável pela falta de qualidade estética dos objectos produzidos (teoria de Ruskin e W. Morris). Só com o *Deutsche Werkbund* (associação que integrava representantes da indústria, artistas e artesãos), se faz a reconciliação da Arte com a Indústria e com a máquina, nascendo, então, o Design Industrial. Este projecto, interrompido com a Primeira Guerra Mundial, é retomado e aprofundado, em 1919, pelo arquitecto W. Gropius que funda a Bauhaus, cujo programa educativo promovia a fusão dos campos artísticos das duas escolas que lhe deram origem (a de Artes e Ofícios e a de Belas-Artes). Uniam-se os esforços de artistas e de artesãos na formação de novos profissionais, de forma a projectar todo o tipo de objectos (incluindo-se no conceito de objecto os próprios edifícios e espaços vivenciais) que respondessem, cumulativamente, às necessidades materiais, intelectuais e espirituais do homem. Defensores do Design Industrial, os ateliers da Bauhaus constituíam-se como ateliers de produção para o mercado exterior.
2. Desenvolve-se nos Estados Unidos, nos finais da década de 60 e durante a década de 70 (século XX), dando continuidade à *Pop Art* (opondo-se ao hermetismo da Arte Conceptual). Utilizando a fotografia, busca um registo cruamente objectivo da realidade, revelando um olhar crítico face à sociedade de consumo. O tipo de registo óptico do espaço resulta igualmente da utilização da fotografia. Na escultura, o intenso realismo das formas, resultante da utilização de moldes, é gerador de uma visão perturbadora da realidade.

V.S.F.F.

224/C/3